

Atuação de Orlando em Rio Grande gerou atrito

Prefeito de São Bernardo filiou aliado, indicou secretários municipais e irritou vereadores

No meio político de Rio Grande da Serra, o consenso é que o governo do então prefeito Claudinho da Geladeira (PSDB), cassado na semana passada, começou a ruir de vez quando ele se aliou ao prefeito de São Bernardo, Orlando Morando (PSDB), a ponto de migrar para o ninho tucano (antes estava no Podemos) e de abrir espaço para indicações em seu secretariado.

Com dificuldades em garantir governabilidade e sem apoio dos vereadores, Claudinho recorreu ao colega de São Bernardo, mas, desde o início, o apoio transformou-se em problema. O primeiro atrito foi quando o ex-prefeito de Rio Grande decidiu migrar para o PSDB, em junho de 2021, com a intenção, naquele momento, de ser mais um nome tucano em apoio à então pré-candidatura de João Doria na prévia do partido que escolheria o presidenciável do partido.

A exemplo do que ocorreu com Claudinho, muitos prefeitos foram filiados com esta intenção, mas a então campanha de Eduardo Leite (PSDB) entrou com recursos para que esses novos filiados não pudessem votar, já que entraram depois do prazo definido pela direção. E, de fato, os neotucanos, Claudinho incluído, ficaram de fora das prévias.

Na gestão de Rio Grande da Serra, Orlando Morando atuou com indicação de três nomes:



INDICADOS. Orlando colocou três secretários



IGNORADOS. Claudinho esnobou vereadores

Kati Dias (Comunicação), Walter Cordoni (Saúde) e Admir Ferro (Educação e Governo). A reação foi imediata da Câmara. Alguns vereadores chegaram a dizer, pelos corredores do Legislativo e do Paço, que Claudinho estaria menosprezando a classe política local. E o então prefeito não fez questão de acalmar os ânimos. Em um determinado momento, já durante o processo, Claudinho chegou a dizer que “se perdesse deles (*dos vereadores*), não ganharia de mais ninguém”.

Conseguiu sobreviver ao processo de cassação, no ano passado, mas após o surgimento

do escândalo em que Admir Ferro teria efetuado transferências bancárias via pix para Gabriel Campagnolli, que fez delação no Ministério Público, a situação do prefeito ficou insustentável. Como o *Diário* revelou, Campagnolli disse ao MP que Admir Ferro acertou depositar R\$ 4.000 mensais para sustentar argumento que não havia número de requerimentos de vereadores sem resposta do Executivo, motivo de uma das cassações de Claudinho da Geladeira.

Em uma sessão que durou cerca de 20 horas, os vereadores aprovaram, por 9 a 4, no úl-

timo dia 1º, a primeira cassação. Menos de 24 horas depois, veio a segunda cassação, por falhas na fila de vacinação contra Covid-19. A então vice-prefeita, Penha Fumagalli (PTB), assumiu horas depois da primeira cassação e já realizou reuniões com vereadores, ampliando a governabilidade na Câmara.

Antes de Claudinho, o PSDB comandou Rio Grande da Serra nas últimas quatro gestões. Um dos ex-prefeitos, Adler Kiko Teixeira, que comandou Rio Grande entre 2005 e 2012, hoje ocupa o posto de secretário de Administração da Prefeitura de São Bernardo. **da Redação**

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: 3 Pagina: Política